

# **O BRINQUEDO E O BRINCAR NA INFÂNCIA DOWN: A ATIVIDADE LÚDICA MEDIANDO O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA. FONSECA, DANIEL TIEPO; OLIVEIRA, ANNA AUGUSTA SAMPAIO. Centro de Estudos da Educação e Saúde – CEES. Departamento de Educação Especial. Faculdade de Filosofia e Ciências. (E-mail: danieltiepo@yahoo.com.br; hanamel@marilia.unesp.br)**

Esta pesquisa bibliográfica consiste em refletir o conceito atividade lúdica, a partir do brinquedo e do brincar na infância do portador de Síndrome de Down. Pois como indicam nossas leituras, “as atividades lúdicas têm o poder sobre a criança de facilitar tanto o progresso de sua personalidade integral, como o progresso de cada uma das suas funções psicológicas intelectuais e morais” (ROSA, A. e NISIO, J. di. 1999). Atualmente, tendo em vista os sistemas educacionais de ensino, vivemos o impacto da proposta de uma Educação Inclusiva que prevê, entre outras providências, a identificação das necessidades educacionais especiais e a inserção de alunos com deficiência nos espaços comuns da vida escolar; levando em conta, ainda, que não se deve apenas pensar em garantir a matrícula, mas também a sua participação ativa nos processos educativos e na aquisição dos conhecimentos escolares. Ou seja, sabemos que o cerne das questões sobre Educação, no Brasil, hoje, está rodeado de outros questionamentos diversos, desde preocupações epistemológicas até às metodologias, passando pela Progressão Continuada e pela proposta de Educação Inclusiva.

Justificamos nossa proposta de trabalho, assegurados pela perspectiva teórica histórico-cultural, pois entendemos que o jogo é uma atividade significativa, e ainda, uma prática social; via pelo qual podemos sofisticar nosso pensamento e refinar nosso vocabulário. O termo atividade significativa, por sua vez, deriva da teoria histórico-cultural, entendida aqui como uma multiplicidade de “... processos psicologicamente caracterizados por aquilo a que o processo como um todo, se dirige (seu objeto), coincidindo sempre com o objetivo que estimula o sujeito a executar esta atividade, isto é, o motivo” (LEONTIEV, 2001). Inclusive, deve-se atribuir a devida importância às emoções e sentimentos das pessoas com necessidades educacionais especiais ou não, pois estes são os traços psicológicos que marcam a personalidade de qualquer indivíduo.

A estrutura deste trabalho consiste, inicialmente, na reunião bibliográfica existente nos arquivos da Biblioteca da FFCM/UNESP, e também, das atividades-práticas realizadas no Centro de Estudos da Educação e Saúde – CEES <sup>1</sup>. O método analítico foi indicado com base na perspectiva teórica histórico-cultural, nas leituras de L. S. Vygotski, pois encontramos na diversidade de sua obra a preocupação em discutir os termos pensamento e palavra, e do qual citamos uma importante concepção histórica do desenvolvimento humano, na afirmação que se segue:

Nos animais, mesmo nos antropóides cuja fala é foneticamente semelhante à fala humana, e cujo intelecto se assemelha ao do homem, a fala e o pensamento não são inter-relacionados. Sem dúvida também existe, no desenvolvimento da criança, um período pré-intelectual da fala. O pensamento e a palavra não são ligados por um elo primário. Ao longo da evolução do pensamento e da fala, tem

---

<sup>1</sup> O pesquisador está vinculado como bolsista do programa *Adote um Aluno*, financiado pelo SANTANDER, junto a Pró-Reitoria de Extensão Universitária – PROEX. São dedicadas (4) quatro horas semanais junto ao projeto intitulado: *Descrição da fase inicial da escrita de crianças com Síndrome de Down*, sob a orientação da Doutora Anna Augusta Sampaio de Oliveira, do Departamento de Educação Especial da FFCM/UNESP.

início uma conexão entre ambos, que depois se modifica e se desenvolve. (VYGOTSKI, L. S. 2005, p.123).

Portanto, ressaltamos outra passagem:

(...) o ensino da linguagem escrita se baseia em uma aprendizagem artificial que exige enorme atenção e esforços por parte do professor e do aluno, e devido a tal esforço o processo se transforma em algo independente, em algo que se basta a si mesmo, enquanto a linguagem viva passa a um plano posterior. (VYGOTSKI, L. S. 1995, p.183).

Com as atividades lúdicas, esperamos, assim como enunciam os autores, que:

(...) a criança desenvolva a coordenação motora, a atenção, o movimento ritmado, conhecimento quanto à posição do corpo, direção a seguir e outros; participando do desenvolvimento em seus aspectos biopsicológicos e sociais, desenvolva livremente a expressão corporal, que favorece a criatividade; adquira hábitos de práticas recreativas para serem empregados adequadamente nas horas de lazer; adquira hábitos de boa atividade corporal; (...) e desenvolva o espírito de iniciativa, tornando-se capaz de resolver eficazmente situações imprevistas. (ROSA, A. P. e NISIO, J. 2005 p.18).

Acerca do universo lúdico e suas representações humanas, nos apoiaremos nas reflexões feitas pelo historiador holandês Johan Huizinga, pois para o autor “... o jogo possui uma ‘função significativa’, isto é, encerra um determinado sentido. É sabido, pois, que no decorrer do jogo, ‘algo’ está em jogo, ‘algo’ significativo. Isto dá um caráter ‘não-material’ a própria essência do jogo” (HUIZINGA, 1965).

Já o elemento concreto da pesquisa, ou seja, o brinquedo e o brincar infantil, está fundamentado nas leituras de Tizuko M. Kishimoto, que desde a década de oitenta, no Brasil, vêm trabalhando com os eixos temáticos: função educativa e função lúdica para o jogo:

(...) o equilíbrio entre as duas funções é o objetivo do jogo educativo. Entretanto, o desequilíbrio provoca duas situações: 1) não há mais ensino, há apenas jogo, quando a ‘função lúdica’ predomina ou, o contrário, 2) quando a ‘função educativa’ elimina todo hedonismo, resta apenas o ensino. (KISHIMOTO. 1998, p.19).

Utilizaremos, também, a análise do termo brinquedo vulgar, o termo referido diz respeito tanto as funções lúdicas quanto à substância utilizada na fabricação do objeto-lúdico que servirá para apresentar o tal microcosmo adulto. Pensar a esse respeito, tanto do ponto de vista semiológico, como demonstra Roland Barthes, quanto da aplicação didático-pedagógica, – como pretendemos demonstrar nesta pesquisa – é de extrema importância para o sucesso da intervenção pedagógica na fase inicial de alfabetização. Enquanto que, nesta pesquisa, o processo de elaboração e aquisição da escrita terá como referência inicial Emília Ferreiro, Ana Teberosky e Smolka. Neste caso, encontramos diversos apontamentos fundamentais que embasam nossa compreensão a respeito das idéias relacionadas ao ensino da língua escrita, como, por exemplo, quando a autora nos convida a refletir:

(...) que o ensino da língua escrita tem por objetivo o aprendizado de um código de transcrição, sendo possível dissociar o ensino da leitura e da escrita enquanto aprendizagem de duas técnicas diferentes, embora complementares. Mas esta diferenciação carece totalmente de sentido quando sabemos que, para a criança, trata-se de compreender a estrutura do sistema de escrita, e que, para conseguir compreender nosso sistema, realiza tanto atividades de interpretação como de produção. (FERREIRO, E. 1985, p.35-36).

Como resultados iniciais desta pesquisa, desde a reunião, leituras e análise bibliográficas, levantamos os diversos autores e suas concepções fundamentais a respeito dos temas selecionados para o projeto, ou seja, as formas pela qual se dá a relação significativa do infante com o brinquedo e o brincar, que do ponto de vista teórico, são intrínsecas, quando tratados pela sua função lúdica e ou função educativa. Encontrar e relacionar a bibliografia adequada a esta pesquisa constitui o primeiro passo desta pesquisa, propiciando as condições para o debate científico acerca do projeto pedagógico ligado ao brinquedo e do brincar infantil no contexto escolar. Como continuidade da pesquisa, pretendemos, a partir das leituras e recomendações da orientadora deste projeto, realizar intervenções pedagógicas, a partir do referencial apresentado e estabelecer as relações teóricas para as considerações que apontam o brinquedo e o brincar como suporte-material ao professor alfabetizador, nas salas de recurso e mesmo no cotidiano escolar. Na verdade, ainda carecemos de pesquisas que apontem caminhos metodológicos para se garantir a aprendizagem de crianças com deficiência. A expectativa é poder contribuir, através da busca por inovações metodológicas, a fim de garantir melhores condições de inserção e participação dos infantes portadores de Síndrome de Down em sistemas educacionais inclusivos.

Bolsa: PROEX

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- KISHIMOTO, T. M (org.). Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- \_\_\_\_\_. O brincar e suas teorias. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- \_\_\_\_\_. O jogo e a educação infantil. São Paulo: Pioneira, 1994.
- \_\_\_\_\_. Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação. 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- ROSA, A. e NISIO, J. di. Atividades Lúdicas: Sua importância na alfabetização. Curitiba: Juruá, 1999.
- VYGOTSKY, L.S. “a pré-história da linguagem escrita.” In: A Formação social da mente
- VYGOTSKY, L.S. “O papel do brinquedo no desenvolvimento.” In: A Formação social da mente
- \_\_\_\_\_. Psicologia da arte. Martins Fontes. São Paulo, 1998. 1 ed.
- \_\_\_\_\_. LURIA, A. R., LEONTIEV, A. N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. 7. ed. São Paulo: Ícone, 2001.
- MELLO, S. A. Algumas implicações pedagógicas da escola de Vygotsky para a educação infantil. Proposições, v.10, n.1 {28}, mar.1999. (revista quadrienal da Faculdade de educação da UNICAMP).
- \_\_\_\_\_. “O processo de Aquisição da escrita na educação infantil.” In: FARIA, A. L. G. e MELLO, S. A. Linguagens infantis: outras formas de leitura. Polêmicas do nosso tempo. Campinas, S.P: autores associados, 2005, p.23-40.
- HUIZINGA, J. Homo Ludens. São Paulo: Perspectiva, 1990.

BARTHES, R. Mitologias. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1993.

GHIRALDELLI Jr., Paulo. Educação e razão histórica. São Paulo: Cortez, 1994.

LIBÂNEO, J. C. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

FONTANA, J. História: análise do passado e projeto social. Bauru, SP: EDUSC, 1998

FERREIRO, E. Reflexões sobre alfabetização. São Paulo: Cortez, 1985.

\_\_\_\_\_, TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

OMOTE, S. Inclusão: Intenção e Realidade. Marília, SP: UNESP, 2004.

SMOLKA, A. M. A criança na fase inicial da escrita

WERNECK, Claudia. Muito prazer, eu existo. Rio de Janeiro: WVA, 1995. 4º ed.

\_\_\_\_\_, Ninguém mais vai ser bonzinho na sociedade inclusiva. Rio de Janeiro: WVA, 2000. 2º ed.

BENJAMIN, Walter. Reflexões sobre o brinquedo, a criança e a educação, SP, Ed. 34, 2002.

ARIÈS, P. História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

BROUGÈRE, G. Brinquedo e cultura. São Paulo: Cortez, 1995.

STAINBACK, S. E STAINBACK W. Inclusão - Um Guia para Educadores. Porto Alegre: Artmed Ed., 1999.

TRONCOSO, Maria Victoria. Síndrome de down: lectura y escritura. Barcelona: Masson, 1998.

SCHWARTZMAN, José Salomão et al. Síndrome de down. São Paulo. Memnon, 1999.